

30 de julho de 2023 nº9  
ano II

Tatuí, SP

**JORNAL**

# BULI

**28º FETESP**

**FESTIVAL ESTUDANTIL DE TEATRO  
DO ESTADO DE SÃO PAULO  
CONSERVATÓRIO DE TATUÍ**





*NO FRESCOR DA HORA*

**4**

**E SE NÃO FOR, É**

JULIA PEDREIRA

**10**

**KITEMBO É UM ORGULHO PARA O  
TEATRO DO INTERIOR PAULISTA**

FELIPE DE MENEZES

**15**

**UM SALVE AO TEATRO SANTISTA!**

FELIPE DE MENEZES

*COXIA*

**19**

**DE OUIDOS E OLHOS ABERTOS**

MARCO ANTONIO PEDRA

**24**

**UM ACERVO: CAOS, SEGA E DESERTO**

THIAGO MARCHETTO

*CHARGES*

**28/29/30**  
**ELEMENTOS**  
**VIRA-LATA CARAMELO**  
**BAYGON**

KAIO ALEXANDRE

*CRÔNICA DO DIA SEGUINTE*

**31**  
**O CORPO VAI ACABAR (?)**

IVAN FREITAS

**34**  
**FESTIVAL**  
GRUPO OS SETE

*AINDA REVERBERA*

**36**  
**O TEMPO, O FETESP E O TAL&PÁ**

VAL OLIVEIRA

**42**  
**EXPEDIENTE**





# E SE NÃO FOR, É

**POR JULIA PEDREIRA**

*apreciação da pesquisa cênica Rastro Coletivo a partir do painel conduzido por Lígia Helena e Paulo Gircys – VQV*

**T**im Ingold, um antropólogo britânico, em seu livro "Linhas - Uma breve história", relata como as crianças na China têm tradicionalmente aprendido a escrever. Segundo ele, o aprendizado se dá a partir de uma prática de escrita no ar: "elas começam

movimentando os caracteres com extensos gestos do braço e da mão, nomeando cada elemento conforme ele é formado e, depois, pronunciando o caractere final. Só quando o gesto foi aprendido é que é, então, escrito". Assim, as palavras são lembradas antes como gesto do que como imagem grafada em um papel. Escrita e corpo não estão dissociados, mas pelo contrário, entrelaçados – o traço físico no papel é quase que uma consequência acidental do ato de escrita – pois o que conta mesmo é o movimento. Portanto, o que mostra Ingold é que a escrita chinesa está a todo instante se dissipando: conforme o gesto deixa seu traço no ar, já logo se dilui em um próximo movimento, e assim por diante. As linhas vão se compondo na mesma medida em que se decompõem.

Tal escrita evanescente me lembrou muito o trabalho apresentado hoje no FETESP pelo Rastro Coletivo, onde, em meio a um jogo de improviso, atuantes oriundos da Turma 74 da EAD, esboçam durante uma hora uma dança-pintura feita de vestígios – histórias que estão a todo momento deixando de ser e, nesta iminência de acontecimento, criando infinitas possibilidades de mundos para os nossos olhos.

"Passagens do tempo", "despedidas",  
"expurgos", "redemoinhos", "sinestesia",  
"escolhas", "contaminações", "rapidez",  
"lentidão", "teatro", "peso e contrapeso", "chão",  
"cronometragens variadas", "estabilidade  
e instabilidade", "desequilíbrios", "espécies

diferentes interagindo entre si", "astronautas", "descoberta do corpo, dos ossos" – essas foram algumas das respostas dadas pelo público em relação ao que viram no trabalho. Um trabalho que é treinamento – impermanente porque sempre em porosidade com o momento – com o acontecimento no agora. A cena não parece ser o lugar da apresentação – ou da representação –, mas, sim, da concepção enquanto verbo – do conceber em ato. O processo está em aberto porque só pode acontecer agora – no estado latente de sua própria formação. E o que vimos hoje, dia 29 de julho no vigésimo oitavo FETESP, nunca irá se repetir, porque a cada dia é uma nova pintura que se desenha. As contaminações e reverberações se desvanecem, dissipam, diluem-se no ar. E as histórias ali contadas são tantas possíveis quanto são os olhos que ali experienciam o acontecimento, afinal, como diz um dos atuantes, "estamos compondo, mas quem está criando universos são vocês".

Corpos vivos. Corpos ecos. Corpos rastros. Corpos adentrando o vazio e traçando possibilidades na gravidade, o movimento de um gerando o movimento de si que reflete o de outro que provoca uma imagem que ressoa uma ideia que se dissipa em um próximo movimento, em meio a um contínuo vir a ser – "e se não for, é".

O espaço respira. Os atuantes não estão apenas reverberando entre si, mas também com a plateia – a porosidade abarca o olhar de quem vê e de quem está sendo visto,

tudo se borra. Um celular que cai, alguém que olha o relógio – é como se cada coisa repercutisse de nós para eles e deles para nós – uma pedra sendo jogada em um lago e formando seus círculos de ressonâncias. Então, nossos gestos ali também parecem ser consequências dos movimentos traçados. É como se nós todes estivéssemos compondo esse "Rastro Coletivo".

Jeanne Marie Gagnebin, em "Lembrar escrever esquecer", diz que o rastro é a "presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente". A temporalidade do rastro abarca, assim, o paradoxo do desaparecer e aparecer, do passado e do futuro – tudo se funde em confluência – importa o contínuo impermanente do movimento. Cito novamente Tim Ingold, que conta de um ritual que acontece todos os dias ao final de tarde em uma praça da cidade chinesa Luoyang, onde as pessoas trazem pincéis de caligrafia enormes e frascos de água para escrever nas superfícies de concreto da praça. Os caracteres evaporam e desaparecem dentro de minutos; pois o que conta é o revigoramento corporal e o relaxamento mental que a prática proporciona. O que importa, assim, nessa escrita, é o próprio movimento de realizá-la.

A cartografia de rastros que se formou hoje à tarde no Teatro Procópio Ferreira, assim

como a caligrafia chinesa desvanecendo-se na praça, aconteceu na organicidade de sua própria dissipação. É no mapa das células, dos ossos, da coluna, da escápula, da tíbia, dos pés, que os impulsos lançam cores em rotação e dilatação, e por trás dos nossos olhos, enxergamos universos – pequenos fragmentos de coisas que são vistas na mesma medida em que se apagam. Uma espectadora diz que “parecia que todos os gestos do mundo estavam dançando com vocês”. Diante do desvanecer, o real e o imaginário confluem. E me pergunto: quantos gestos há no mundo? Quantos mundos há no mundo? Estar dentro do vazio talvez seja abraçar o imponderável da realidade que nunca é a mesma para os diferentes olhos que a veem, assim como o movimento nunca é o mesmo para quem o faz.

E agora, como diz a DJ do coletivo, que improvisa com os corpos por meio da música, e que emite a única palavra de todo experimento:

FIM.





# **KITEMBO É UM ORGULHO PARA O TEATRO DO INTERIOR PAULISTA**

## **FELIPE DE MENEZES**

*apreciação da espetáculo Kitembo –  
Entre nascedouros e poentes, a partir  
do painel conduzido por Paulo Gircys e  
Lígia Helena – VQV*

"Kitembo" foi uma deliciosa surpresa apresentada na manhã gelada deste sábado, dia 29 de julho de 2023, durante o 28º FETESP, no Centro de Orientação e Serviços à Comunidade, o COSC. O trabalho nasceu no ano passado, durante as atividades regulares

do grupo artístico do Conservatório. O Grupo Artístico é um espaço de encontro entre estudantes bolsistas da música e do teatro juntamente com profissionais de notório saber do teatro – é que, como sabemos, o teatro é uma arte aprendida de geração para geração. Na ocasião, o Grupo contou com a dramaturgia da artista espetacular Cristiane Sobral e com a direção refinada do professor Thiago Leite. Para quem não pode estar presente, eu explico: a peça causou uma enorme comoção coletiva ao falar de diversos temas como chegadas e partidas, acolhimento e cuidado. E muitos mais.

Como um grupo estudantil da maior importância para a cena regional, a Cia. de Teatro do Conservatório é formada por jovens de muito talento e disponibilidade, jogo e coletividade, invenção e criatividade – a ver pelo clima descontraído de preparação antes, durante e depois da apresentação. A Cia., nas duas ocasiões em que se apresentou nesta edição do festival, mostrou que é possível fazer um trabalho vigoroso com muita alegria, entusiasmo e entrega. É porque, em cena, os narradores-atuantes estão o tempo todo brincando de jogar o jogo do personagem-narrador, construindo, para isso, narrativas com expedientes formais épicos, portanto, de um teatro com profundas raízes populares. Atuantes inteiros, vibrando a cada momento da contação; figurinos, um deslumbre de cores, movimentos e funções no jogo teatral; cenografia construída, basicamente, por elementos que vão

sendo utilizados e reutilizados de diversas maneiras durante toda a narrativa; o coro de músicos (e musicista!) é um show à parte, pois estão a serviço da narrativa, criando diferentes camadas sonoras que fazem toda diferença ao longo da peça. Mas isso ainda não diz tudo sobre essa montagem. O que há de mais espetacular nessa produção é a parceria que a Cia. fez com a Associação das Pessoas com Deficiência de Tatuí, a APODET. Em todo o processo de criação se discutiu o tema da inclusão e acessibilidade. E, isso, teve uma reverberação enorme no trabalho final, onde o coro de atuantes era formado, também, por pessoas da própria APODET. Isso foi a coisa mais importante/impactante no trabalho. Ficou nítido, o tempo todo, a enorme sensibilidade com que todo elenco recebeu os parceiros da APODET. Nesse sentido, eu gostaria de usar essas poucas linhas para parabenizar uma pessoa muito especial nesse processo: o professor e pesquisador de cena Thiago Leite que, como falamos, fez a coordenação do Grupo Artístico Cia. de Teatro do Conservatório de Tatuí em 2022. Thiago é um daqueles pedagogos de teatro da maior importância dentro de uma escola de formação de atrizes e atores: sensível, dedicado, propositivo e muito competente em seu ofício. Nesse trabalho, em específico, Thiago e a trupe unem tradição, ancestralidade, temas urgentes como acessibilidade e inclusão, ou seja, um mosaico de possibilidades diversas que, em mãos inexperientes, poderia não ser tão

instigante. Evidente que isso não foi o caso da Cia., muito pelo contrário, mostraram-se muito competentes (dentro do tamanho) daquilo que se propuseram a investigar. Esse equilíbrio e sutilezas entre ser um encenador e, ao mesmo tempo, um pedagogo é o que faz desse artista um profissional requintado e talentoso.

As raízes profundas que esse elenco nos fez perceber corresponsáveis, é uma espécie de lastro ancestral que devemos continuar a puxar pelas entranhas. Só assim, (noss) as histórias de corpos pretos terão voz e vez em uma sociedade que quer nos ver como tristes estatísticas. O que os nossos inimigos não sabem é que resolvemos (não só) não morrer, como também, honrar nossos ancestrais e viver uma vida plena com direito, inclusive, ao simbólico.

Evoé, Cia. de Teatro do Conserva!





# UM SALVE AO TEATRO SANTISTA!

## FELIPE DE MENEZES

*apreciação do espetáculo Insetos, a partir do painel conduzido por Paulo Gircys, Lígia Helena – VQV – e Thiago Leite – Conservatório de Tatuí*

O espetáculo "Insetos", do Grupo Os Sete, oriundos da Escola de Artes Cênicas Wilson Geraldo, de Santos, foi apresentado na noite de sábado, dia 29 de julho de 2023, durante a 28ª edição do FETESP. Ao chegar no Centro Cultural de Tatuí, fomos recebidos pelo coletivo de atuantes em um palco em forma de corredor por onde se dava toda a narrativa. Sob direção de Cibele Piacentini, o grupo apresentou discussões

em torno da luta de classes através de um material fabular, a partir da obra de mesmo título, do carioca Jô Bilac. Essa é a primeira vez do grupo em um festival de teatro e, também, em uma apresentação fora do espaço da própria escola. O grupo mostrou uma qualidade e presença de cena muito interessante, com propostas de figurinos e ambiente cenográfico bastante peculiares. O FETESP nasceu e continua com o mesmo objetivo: conhecer a produção estudantil dos cursos de formação de atrizes e atores. Por isso, esse mosaico de cenas, de grupos, de poéticas, de escolhas estéticas do festival. Algumas dessas pesquisas, já bastante fundamentadas em conceitos e técnicas, outras propostas, ainda em processo, tateando os caminhos. A peça e o grupo de artistas santistas são bastante potentes e precisam continuar pesquisando o material para que, após o encontro com variados públicos, possam, aí, descartar ou aprofundar algumas escolhas. Quando saímos da escola, fora do aconchego do público familiar e amigo, entendemos de outra forma aquilo que funciona em cena ou não tanto.

No bate-papo após a apresentação, diversos relatos do público deram conta de expressar como o tema da peça foi bem absorvido, processado e digerido durante a fruição. Muitos disseram da inteligência de como as personagens da fábula ajudam a narrar, de forma não-convencional, assuntos que estão na ordem do dia de uma sociedade cuja riqueza é controlada por poucos que exploram

a mão de obra de muitos. As metáforas quase que deixam de ser metáforas, de tão escancarado que é a exploração do homem pelo homem – independentemente de origem étnica ou gênero.

O espetáculo precisará buscar, cada vez mais, espaço de diálogo com nosso tempo contemporâneo, com questões políticas que nos atravessam diariamente, para que, assim, ele possa se manter completamente atual. A chave do humor, do uso de elementos do grotesco, precisa ser maturada a cada dia de ensaio ou de uma nova apresentação. De toda forma, o elenco se pareceu extremamente aberto para continuar essa pesquisa.

O teatro santista é um sujeito histórico da maior importância na cena de todo o estado de São Paulo. É de Santos que conhecemos importantes trabalhadores da cultura, que tanto lutam por políticas públicas para a área da cultura no interior e no litoral. É de Santos que conhecemos importantes festivais e mostras da cena contemporânea brasileira. O solo onde vocês estão se criando é sagrado. Conhecer e valorizar os artistas de teatro locais, a história do teatro santista e os movimentos artísticos da cidade é continuar um legado dos mais importantes para todes nós.

Meus parabéns à Cibele, Judson, Audrey, Bruno, Gabriel, Marli, Moniquê, Ster, Fabrício, Nathan, Flávia e toda a Escola de Artes Cênicas Wilson Geraldo. Salve Santos! Viva os teatros do litoral paulista!





# DE OUVIDOS E OLHOS ABERTOS

**MARCO ANTONIO PEDRA**

*bolsista estagiário de apreciação crítica. estudante de artes cênicas da Unicamp. apreciação da pesquisa cênica, Rastro Coletivo*

**A**ntes de comentar sobre a pesquisa cênica *Rastro Coletivo*, gostaria de fazer uma correção em relação ao texto que escrevi sobre a belíssima peça-filme *Liberdade, Madalena!* O grupo, na verdade, foi orientado por Paloma Franca

Amorim, que também fez a edição do vídeo. Solange Franco, a pessoa que eu disse que havia orientado o trabalho, é uma *Ficção, mentira.br* (para parafrasear os títulos que compõem a programação) inventada pelo meu pensamento.

Para escrever os textos da seção *Coxia*, acompanho os bastidores dos grupos estudantis do 28º FETESP algumas horas antes de suas apresentações. Com o exercício *Rastro Coletivo* foi um pouco diferente. Muitas pessoas do elenco, assim como eu, estavam fazendo a residência artística com a Miriam Rinaldi, uma *Introdução ao Viewpoints*. Então, eu conheci boa parte do grupo e convivi com eles, também, nos três dias que antecederam a apresentação. Na ocasião, fizemos alguns exercícios em que era essencial estar poroso a tudo o que estava acontecendo no ambiente e ao que acontecia com os nossos colegas de sala. Na apresentação de *Rastro Coletivo*, isto também foi necessário. É sempre importante estar poroso em cena, mas esse trabalho sobrevive desta qualidade. Como em muitos exercícios da residência artística, *Rastro Coletivo* é feito de improvisações. A dramaturgia é urdida pelos *performers* à medida que a apresentação acontece. Se os co-autores não estiverem atentos, em conexão com o tempo presente, correm o risco de enfraquecer o trabalho. O fato da maioria do grupo ter participado da residência de Rinaldi mostra o interesse que eles têm na investigação da escuta e

observação para a composição cênica. Uma pessoa, na conversa após a apresentação, disse que sentiu vontade de sair de sua cadeira e juntar-se aos *performers* durante o jogo. Sinto que tive uma experiência próxima disso na residência de Miriam Rinaldi. O grupo estava bastante disposto a jogar, com escuta e olhos abertos, fazendo potentes proposições. O mesmo ocorreu na apresentação. Antes dela, alongamentos, rodas de massagem, silêncios, concentração, treino. Com orientação da professora Cristiane Paoli Quito, a Turma 74, da Escola de Artes Dramática da USP (EAD), chamou o público para presenciar a sua pesquisa. A investigação envolve uma série de movimentos improvisados que geram imagens, que, por fim, remetem a significados. Ao ser questionada sobre o que viu, a plateia alegou a visualização de despedidas, expurgo, convulsão, orgasmos e cuidado. Essas foram as ideias transmitidas pelos artistas na relação com o repertório do público. Balançar a mão de um lado para o outro é um aceno porque assim foi convencionado, por exemplo. Desta maneira, estes significados estão relacionados aos gestos que já têm sentidos no imaginário coletivo. Ademais, o exercício é acompanhado, em algumas partes, por músicas. A sonoplastia é improvisada pelo aluno Dennys, que conta com um repertório sonoro na manga, ou melhor, em seu computador. Os *performers* têm um repertório de movimentos previamente estabelecidos que podem ou não ser usados ao longo de cada exercício. Esta foi a quinta

apresentação do grupo com este trabalho, cujo campo de referência inclui as obras do artista plástico Kandinsky, o seu livro *Ponto e linhas sobre planos* e o livro *Em busca de Espinosa*, de António Damásio. Uma experiência laboratorial enriquecedora para os estudantes de teatro que estão acompanhando o FETESP.





# UM ACERVO: CAOS, SECA E DESERTO

**THIAGO MARCHETTO**

*bolsista estagiário de apreciação crítica.  
estudante da escola dos doutores da  
alegria. apreciou o espetáculo Insetos*

**A** releitura criativa de *Insetos* do Grupo Os Setes, fruto da formação acadêmica dos estudantes santistas da *Escola de Artes Cênicas Wilson Geraldo*, é o entrelace da obra original de Jô Bilac – detentora do *Prêmio Aplauso Brasil* em Melhor Dramaturgia,

indicado ao *Shell/RJ* como Melhor Direção e indicado ao *APCA* (Associação Paulista de Críticos da Arte) na categoria Melhor Espetáculo – com a releitura da *Cia. dos Atores*.

Esta obra traz aquela tranquilidade (quando questionada) em dizer que isso é um trabalho sobre insetos. E de fato é! É sempre bom assistir espetáculos que se debruçam sobre uma parábola estética para denunciar, sem quaisquer literalismos. Isso se chama fazer teatro e se sentir em segurança. Com quantas folhas, com quantos pneus e com quantos trapos se conta uma boa história? *Insetos*, dirigido por Cibele Piacentini, nos traz um seminu de regime totalitário despercebido. Em tons terrosos, tem um sistema que faz devorarmos uns aos outros, mas ele mesmo, se torna intocável. Falando em Cibele, que maestria desta diretora que idealiza não só o desenho cênico, mas alinha de forma crucial todas as linguagens que compõem este espetáculo: idealizando a maneira que o cenário é aproveitado em cena. Todo o esquema técnico do espetáculo casava com a dramaturgia. Tudo era muito coerente. A forma como foi usado o corredor, fazendo com que um público tivesse acesso ao olhar do outro, deu a ilusão de um espelho, assim como a narrativa fez. Nós somos os insetos. Podemos morar em selvas diferentes, sermos de espécies diferentes, mas, no final, somos vítimas da mesma tirania. É preciso mesmo apreciar o fantasioso para que a gente enxergue isso. Os insetos são tão pequenos, que é difícil notar suas expressões,

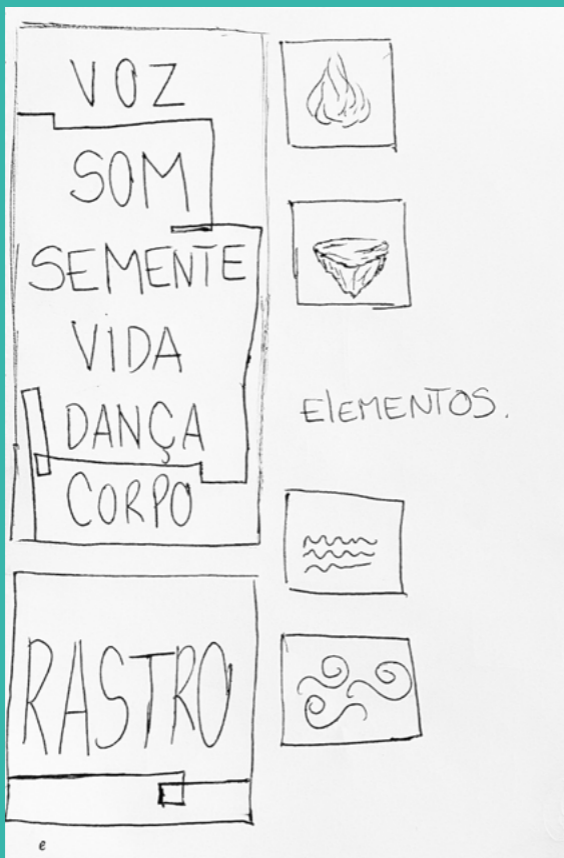
mas ali, no Centro Cultural de Tatuí, eles estavam tão grandes o suficiente para entender nossa reputação no mundo. Nos olhar através do riacho e nos enxergar um pouco como um par de asas frágeis e antenas desantenas.

Esta obra faz paralelo à *Revolução dos Bichos*, de George Orwell, que levanta exatamente a mesma questão. Quando somos submetidos, bruscamente, ao poder de alguém, isso provoca revolta e ambição de voo. Mas quando o alçamos e alcançamos, a quem vamos nos submeter? Ao mesmo tempo que estamos nos identificando com as personagens, comprimos o papel desta tirania. Uma dualidade que agrega na citação de Paulo Freire: "o sonho do oprimido é se tornar o opressor". É no emaranhado de folhas numa gruta escura que o mocinho se torna o vilão.

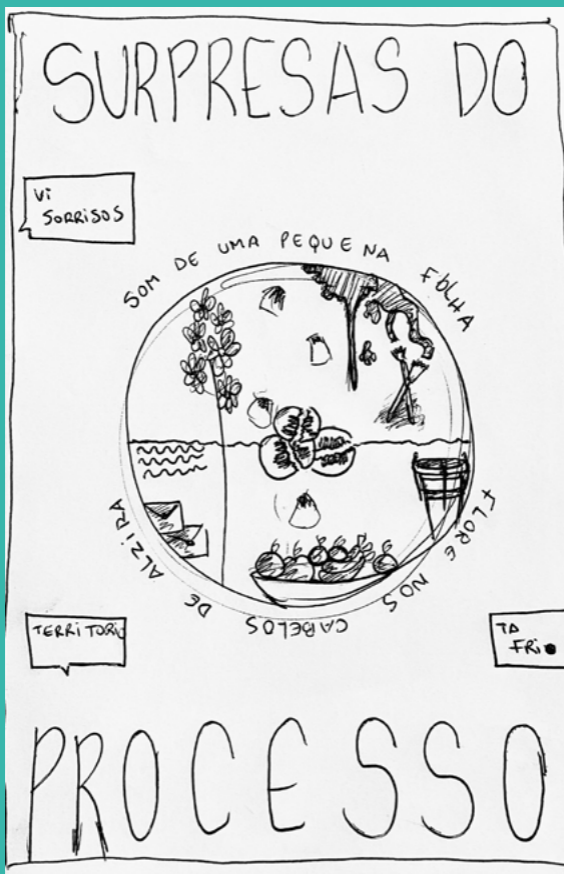
Uma sátira como *Insetos* tem, de fato, como missão, agregar em várias releituras dentro e fora do Brasil.



**ELEMENTOS**

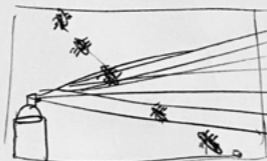


VIRA-LATA CAMELO



KAIO ALEXANDRE

# BAYGON



KAIO ALEXANDRE



# O CORPO VAI ACABAR (?)

**IVAN FREITAS**

*estudante do curso de cenografia do  
Conservatório de Tatuí*

29/07 – Rastro Coletivo – Turma 74

"O corpo vai acabar

Depois de tanto espalhar

Gestos, rastros"

Corpos que se olham, olhares que se cruzam.  
Encontros.

"Incontáveis passos...

O corpo vai espalhar

Mesmo depois de acabar

Seus pedaços

No infinito lastro"

Não há combinados ou palavras para  
direcionar movimentos. Eles dançam, pulam,  
se jogam ao chão, entram e saem, existem e  
coexistem.

"Sem volta, acha o eixo e

Reinventam a roda"

Reinventam corpos.

"Em novos corpos no amanhã"

Passado, futuro e presente. Nunca iguais,  
efêmeros.

"Rebentando em muitas direções

O corpo vai acabar"

Talvez

"Depois de tanto espalhar

Gestos, rastros"

Coletivos

"Incontáveis passos"

Passagens

"O corpo vai espalhar

Mesmo depois de acabar

Seus pedaços"

Toques suaves que traçam pontes, guiam  
olhares.

"Num infinito lastro

Sem volta

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

Acha o eixo e reinventa a roda

Em novos corpos no amanhã"

O espetáculo traz momento, efemeridade,

"Rebentando em muitas direções"

rebentando em muitas direções.

"E brota em outras notas"

Brota em outros corpos,

"Reverbera em ondas"

reverbera em outros alguéns.

"Vastas margens fractais

Que se arranjam"

Harmonizam

"Em outros finais".

Não conseguia parar de pensar nessa música durante o espetáculo, e meio que trilhei em minha cabeça uma sonoridade para o que eu via, que se completava com aquilo que eu via.

Foi lindo ver e participar desse encontro único. Obrigado.

(Intervenção textual a partir da canção "O Corpo Vai Acabar", de Alexandre Kumpinsky, Thiago Ramil e Ian Ramil)



# FESTIVAL

## GRUPO OS SETE

*Escola de Artes Cênicas Wilson Geraldo*

**O**s Insetos ainda estão reverberando tudo que viveram até agora. Nós passamos por oficinas incríveis, conhecemos pessoas maravilhosas e nos conectamos ainda mais como grupo, tornando nossa experiência neste festival muito especial.

Acabamos de apresentar Insetos e decidimos contar uma curiosidade sobre a montagem: as folhas que compõem nosso cenário são selecionadas uma por uma, para que os insetos não sejam esmagados por nós ou grude no sapato se alguém.

Estamos muito felizes com o festival, os grupos têm a oportunidade de se assistirem sem ter que competirem uns com os outros, dando espaço para uma troca leve e construtiva, somando em suas criações e pesquisas.

Além de poder encontrar vários dos seus/dos nossos pós-isolamento.



# O TEMPO, O FETESP E O TAL&PÁ

**VAL OLIVEIRA**

*Cia. Tal&Pá, São Paulo/SP*

**M**alas de viagem são objetos recorrentes nas montagens do Tal&Pá. Como muitos de nossos personagens, estamos sempre viajando. E nenhuma dessas viagens é tão desafiadora quanto a que fazemos através do tempo.

Do início da nossa jornada até aqui, assistimos à virada de um século, ao auge da democracia após a ditadura militar, sobrevivemos à pandemia e aos desmandos de um governo nefasto, revivemos a esperança, no fio estreito entre a manutenção dos princípios que nos guiavam e o reinventar-se.

Todas as sociedades e épocas têm suas próprias cerimônias que celebram a passagem do tempo e *status* ao longo da vida. Se nas sociedades primitivas estes rituais são constantes e notáveis, nas sociedades modernas eles são muito sutis. O período adolescente se tornou mais longo e complexo, e a formação da identidade um processo mais intrincado. Ser adolescente é uma condição muito mais vaga do que ser criança ou ser adulto. As mensagens do mundo adulto sobre os direitos e deveres dos adolescentes são bastante contraditórias. O adolescente provoca o adulto para obter respostas, ganhar limites e poder se estruturar. E precisa aprender que a vida oferece desafios, que há diferença entre o errado e o mal feito, aprender a lidar com as frustrações e, assim, superá-las.

Uma companhia de teatro é diferente de um curso com limite de faltas e diploma no final. É uma luta diária pela manutenção do espaço, pelos recursos necessários, pela sintonia de ideias, contra o cansaço e a vontade de se entregar ao celular e aos *streamings*. Exige compromisso, e compromisso é pedra

rara neste tempo em que tudo pode. Exige respeito, e respeito também é apontar caminhos, apontar o que pode ser melhorado, porque o jovem é capaz de assimilar e aprender, sem perder a capacidade de criar.

Numa curva do tempo, o FETESP nos encontrou. Assim mesmo, um encontro não esperado. Trouxe para Tatuí um grupo que nunca mais seria o mesmo. Ofereceu-nos um palco que não cabia nos olhos, o primeiro camarim, o primeiro debate, amigos para toda uma vida. Ah, os amigos... A gente não imaginava que o tempo do FETESP seria maior que o de alguns deles. E assim tem início a temporada da saudade.

Foram onze encontros, cada um tão sonhado quanto o anterior. Tatuí era para o Tal&Pá um universo paralelo, quando essa ideia ainda nem era tão comum. Porque, apesar de todas as dificuldades, o palco tornava todos iguais, e aqui éramos respeitados como artistas e educadores. Os representantes dos grupos conviviam intensamente e levavam para casa um apanhado de tudo que era produzido e discutido. Aprendíamos sobre o teatro, mas também sobre história e literatura através de grandes clássicos. O almoço e o jantar eram as rodas de conversa mais ativas. Sim, escrevia-se menos e falava-se mais. Algumas vezes os debates mais quentes foram interrompidos pelo apagar das luzes do teatro.

Havia mais escolas secundárias, menos adultos no palco, menos oficinas, menos

peças, menos participantes, menos debates acadêmicos, mas muitas exigências, nem sempre com o devido cuidado que o processo pedagógico necessitava. E premiações, que apesar de soarem muito esquisitas agora, garantiram a sobrevivência de muitos grupos que lutavam por espaço em suas escolas. Depois o vento da mudança varreu a competição, embaralhou os debates em diferentes formatos e deixou o festival maior. Mas sempre havia o tempo de respirar.

Aí se passaram onze anos... Deixamos Tatuí em um mundo... e voltamos quando ele já era outro.

Olhando para trás, percebemos que nossos alunos têm sempre a mesma idade, enquanto nós envelhecemos todos os dias. Estamos aqui, na Terra do Nunca, lutando para mantermos a conexão com eles, coisa que nem sempre a gente consegue. Vivemos agora um tempo diferente. Corremos sempre, como se o tempo tivesse ficado mais rápido. Apenas *flashes*, como milhares de fotos que nunca serão vistas. Tudo sugere velocidade, urgência. E nessa urgência do tempo, respirar é cada vez mais difícil.

O FETESP acompanhou o tempo. Abraçou o vento e cresceu mais. Avançou através do horizonte das telas e janelas virtuais. Dessa vez, trouxe todo mundo para experimentar. Engajou suas pautas. Foi para a rua, para as praças, para o museu, para a feira, para as escolas. Garantiu sonhar duas vezes. Publicou diariamente. Oficinas, mesas,

residências artísticas, debates, shows, 30 espetáculos, lives, performances, cortejo, lançamentos editoriais, exposição fotográfica, 10.000 espectadores. As cadeiras de rodas da sonhada diversidade saltitaram nos paralelepípedos e escadarias pelos quatro cantos da cidade, correndo atrás do tempo. A gente respira depois.

Se o tempo fizesse outra curva, e o primeiro festival pudesse reencontrar o último, o que diriam um para o outro?

Sentariam para conversar? Sobraria tempo para um café?

Porque o diálogo é essencial. Não é uma relação entre um que sabe e outro que precisa saber, nem mesmo o debate para saber quem tem razão, mas um cruzamento de duas linhas que, ao se tocarem, se confundem em um nó e geram novas linhas. Dialogar é colocar-se em jogo. É permitir-se transformar a partir do outro. Como uma lagarta que, ao devorar uma folha, transforma e é transformada pela árvore. Minha gratidão eterna a todos aqueles que, como diz a música de Arnaldo Antunes, entenderam que seu olhar melhora o meu, e dialogaram sem julgar.

Encerro esse capítulo da nossa viagem dedicando esse fragmento aos velhos e novos artistas do FETESP e do Conservatório de Tatuí:

*"À beira-mar de outro mar, outro oleiro se aposenta, em seus anos*

*finais. Seus olhos se cobrem de névoa, suas mãos tremem: chegou a hora do adeus. Então acontece a cerimônia de iniciação: o oleiro velho oferece ao oleiro jovem sua melhor peça. Assim manda a tradição, entre os índios do noroeste da América: o artista que se despede, entrega sua obra-prima ao artista que se apresenta. E o oleiro jovem não guarda esta peça perfeita para contemplá-la e admirá-la: ele a quebra contra o solo em mil pedacinhos, e os incorpora à sua própria argila".*

(GALEANO, Eduardo. Janela sobre a memória (I). In: \_\_\_\_\_. As palavras andantes. Porto Alegre: L&PM, 1994. p. 86.)

O mundo que deixamos para trás é apenas uma lembrança agora, mas as mudanças que vivenciamos nos acompanharão em cada passo adiante. É assim que a tradição ganha vida, renovando-se constantemente e mantendo viva a chama da criação e da inspiração.

## EXPEDIENTE

### **Coordenador editorial**

Antonio Salvador

### **Coordenadora de comunicação**

Luiza Lorenzetti

### **Arte design**

Lívia da Silva

### **Produção editorial**

João Fabbro

### **Revisão de textos**

Thiago Leite

João Fabbro

### **Colaboradores**

Camila Barbagallo

Ivan Freitas

Julia Pedreira

Felipe de Menezes

Kaio Alexandre

Marco Antonio Pedra

Thiago Marchetto

Val Oliveira

### **Coletivos participantes**

Grupo Os Sete

### **Fotógrafo**

João Maria

[Leia também por meio deste link a \*Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí\*](#)

O jornal BULI - publicação do FETESP - Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, do Conservatório de Tatuí, é construído por muitas vozes e olhares, mas sempre prezando pela singularidade de estilos e reflexões das autorias individuais ou coletivas que assinam cada matéria. Dessa forma, os textos aqui publicados não expressam, necessariamente, a opinião do Conservatório de Tatuí - instituição da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e de sua gestora, a Sustenidos Organização Social de Cultura.

Apoio:



Parceria:



PREFEITURA DE TATUÍ

poiesis  
gestão cultural



OC  
OFICINAS  
CULTURAIS



8º ENCONTRO  
MAMULENGO  
em SÃO PAULO



SP  
ESCOLA  
DE  
TEATRO

Realização:

# SUSTENIDOS



**CULT**SP

Secretaria da **SP** **SÃO PAULO**  
Cultura, Economia e Indústria Criativas GOVERNO DO ESTADO